

Homenagem à Adriana Zierer

MÁRIO JORGE DA MOTTA BASTOS

(UFF – CNPq – *Translatio Studii* – CCCP-Pré-k)

Ainda que creia ser universalmente conhecido o poema “Os que lutam”, de Bertolt Brecht, não me custa lembrar a todos e todas a beleza de sua composição: “Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos dias e são muito bons; porém, há os que lutam toda a vida. Esses são os imprescindíveis.” Se me for permitida a ousadia de submetê-lo a um pequeno e essencial ajuste de gênero, o poema em questão passa a constituir uma citação adequada que, com toda justiça, devia introduzir o currículo Lattes e toda a vida acadêmica – que, aliás, confunde-se muito com a pessoal – de Adriana Maria de Souza Zierer.

Tendo nascido (ou estreado?) na cidade do Rio de Janeiro, estado da Guanabara, em dezembro de 1963, às vésperas, portanto, do golpe militar, Adriana buscou a História movida pelos mesmos ideais de instrumentalização da transformação social que mobilizava os jovens de então. Graduou-se, “mestrou-se” e doutorou-se do outro lado da “poça”, como se referem carinhosa e sarcasticamente os estudantes cariocas à Baía de Guanabara, em Niterói, na Universidade Federal Fluminense, onde foi atingida por uma das flechas sistematicamente disparadas pela “cupido do Medieval” travestida de professora, a Dra. Vânia Leite Fróes. Assim como tantos(as) outros(as), sucumbiu e se apaixonou pela Idade Média.

Adriana, assim como eu, é fruto da “geração dos 80”, favorecida pela enorme mobilização pela História Medieval suscitada pelos historiadores da chamada terceira geração dos Annales. Naquela altura, as traduções portuguesas tornavam, enfim, acessíveis aos graduandos brasileiros a Idade Média onírica celebrada por Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie, Georges Duby, entre outros, cultivando paixões súbitas, porém profundas, que levaram o estudo daquela fatia de duração ao primeiro plano da cena historiográfica internacional. No Brasil, tal apelo suscitou a criação do primeiro setor de pós-graduação dedicado ao período na UFF, em 1988, cujas salas de aula seriam frequentadas por Adriana por anos a fio.

Ali descobriu amores e príncipes consortes alternativos que, admitidos pelo seu dileto companheiro, arqueiro de precisa pontaria dedicado à Maria desde o nascimento, se revelaram, assim como ele, amores de uma vida inteira e para todo o sempre: Túndalo, El-Rei D. João I de Portugal e, acima de todos (menos do seu príncipe-mor Mariano, por óbvio), “aquele que foi sem nunca ter sido”, o grande rei da Bretanha e exemplo para todo o universo régio, Arthur Pendragon! De certo, foi com sua força pessoal acrescida pelo convívio cotidiano com tantas fortalezas míticas e com aquelas de carne e osso que nossa homenageada assumiu a maior missão que se atribuiu em sua vida acadêmica, a de estabelecer e difundir os estudos medievais no nordeste brasileiro e, mais particularmente, na São Luís do Maranhão que se transformou em sua nova casa.

14 Tendo ingressado na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) no ano de 2003, ocupando a primeira cátedra de História Medieval da universidade na condição de especialista, sua demanda pessoal pelo Santo Graal da difusão desta área de conhecimento vem mobilizando armas e estratégias diversas desde então, dentre elas ressaltar para seus interlocutores a vigência do que considera reminiscências medievais correntes no Brasil, em especial nordestino. Com a tarefa em mente, deu início, no ano de 2005, à série de um dos eventos mais acarinhados pelos antiquistas e medievalistas daqui e de além-mar, o bienal Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão, na UEMA. Reforçado, posteriormente, pelas armas e disposição de sua parceira Ana Livia Bomfim Vieira, desde então acotovelam-se os e as especialistas de todo o Brasil, a cada dois anos, em justas nas quais disputam o galardão do convite à participação naquelas célebres jornadas acadêmicas que tanto mobilizam os estudantes maranhenses e dos estados arredores. Se ao evento de Adriana e Livia você ainda não foi, meu(minha) prezado(a) leitor(a), vá, ou arque com as terríveis consequências de um arrependimento para o qual não há unguento apaziguador conhecido!

De Adriana Zierer pode-se dizer ainda muita coisa. Que ela realizou seu pós-doutoramento na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS – França), com seu celebrado e afamado Jean-Claude Schmitt; que ela coordena os laboratórios de pesquisa *Brathair* (Grupo de Estudos Celtas e Germânicos) e *Mnemosyne* (Laboratório de História Antiga e Medieval); que integra o *Grupo Raízes Medievais do Brasil Moderno*; que participa do conselho de importantes periódicos nacionais, como a *Acta Scientiarum. Education*, a *Opsis* e a *Roda da Fortuna*; que é diretora da revista *Mirabilia* e editora-chefe da revista *Brathair*;

que é autora de artigos e livros dedicados às suas paixões medievais etc. etc., mas essas são notas frias dos Lattes da vida.

De minha parte, prefiro destacar tudo aquilo que exala da nossa homenageada e é muito claro e sensível àqueles(as) que têm a alegria de conviver com ela: que Adriana é tão apaixonada pela Idade Média como o é pela vida, e que ambas, Idade Média e vida, se confundem no seu dia a dia. Afinal, não é ela a mãe de um dos cavaleiros da Távola Redonda? Como declara o seu arqueiro preferido, Mariano, nossa homenageada é uma sonhadora, porém realista e renhida quando se trata de lutar para conseguir levar adiante seu sonho de ver a História Medieval ocupar seu devido lugar no ensino acadêmico. Adriana Zierer é uma guerreira! E como vive e atua num Maranhão terra de muitas lendas, encerro promovendo mais uma: dizem que ela descende de uma *skjaldmö* viking que viveu na Noruega do século IX e, sem encontrar opositores à altura, singrou os mares e desembarcou na ilha de São Luís, ficando ali sua linhagem odínica. Não acredita? Compareça, então, a um dos encontros maranhenses de História Antiga e Medieval e aprecie, com seus próprios olhos e em distância segura, Adriana empunhando o arco e a flecha. Adaptando a oração que ecoava nas igrejas do Ocidente medieval em face das investidas vikings, conclamo seus alunos e alunas, colegas, amigos e amigas a uma rogação coletiva: “Da amizade e do carinho da Adriana Zierer não nos poupe, Senhor!”

15